Em torno da imagem poética, de alguns tropos¹ e figuras de linguagem

Retomada de definições contidas em alguns manuais de retórica
e dicionários de termos literários²

Figuras de Analogia e substituição (comparação, metáfora, alegoria, metonímia...)

Poética de Aristóteles

A metáfora é a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero ou de uma espécie para a outra ou por analogia. Considero do gênero para a espécie o caso de “o meu barco parou”: na verdade, estar ancorado é uma forma de estar parado. E da espécie para o gênero “certamente Ulisses praticou de mil nobres ações”, pois “dez mil” é muito, e aqui é usado em vez de muitas. (...)” (1457b 5-17)

Metáfora:

“Os tropos de semelhança consistem em apresentar uma ideia sob o signo de uma outra ideia que cause impressão mais forte ou seja mais conhecida e que, ademais, não se ligue à primeira por qualquer vínculo de conformidade ou de analogia. Eles se reduzem, quanto ao gênero, a apenas um, a *Metáfora* (...). Todas as palavras podem ser empregadas *metaforicamente*.” [Fontanier, *Les Figures du Discours*]

“Partindo da *comparação*, procurou-se compreender a essência da *metáfora*. Metáfora que dizer transposição: o significado de uma palavra é usado num sentido que não lhe pertence inicialmente. Na expressão “o mar da vida”, não devemos pensar no elemento aquoso, salgado. Ora, aceitou-se ser a metáfora o resultado de uma comparação antecedente que surge, por assim dizer, em resumo: as formas gramaticais da comparação (como, como se, etc.) teriam sido suprimidas. No caso citado, à ideia ‘vida’ viera justapor-se a comparação ‘mar’, representando então o movimento, o perigo, a incomensurabilidade. (...)”

Na verdade, muitas metáforas são o resultado de comparações claras. Quando, na poesia barroca, encontramos expressões como *água de cristal*, *mar da vida*, etc. podemos reconstituir precisamente as linhas de pensamento que conduziram o autor a essas metáforas (...) Contudo, investigações mais recentes tornaram duvidoso se corresponderá à verdade ser a metáfora uma comparação abreviada. É certo continuar a ser válido ter por base uma dualidade e que a metáfora significa algo diferente daquilo que diz linguisticamente (...). Há porém metáforas, sobretudo na poesia moderna, onde dificilmente se podem aceitar atividades precedentes comparativas, e nas quais cessa em absoluto essa relativa autonomia das duas zonas.” [Wolfgang Kayser, *Análise e interpretação da obra literária*].

Sobre a metáfora como uma comparação abreviada

¹ “O tropo é a palavra transferida da sua significação própria para uma semelhança não própria, por necessidade ou por ornamento.” [Estudo analítico do poema, p. 93]

² [As referências bibliográficas completas encontram-se ao final do arquivo]

O homem é o lobo do homem.

Essa metáfora se funda na afirmação da semelhança entre os significados.

O homem por vezes é voraz, selvagem, inimigo impiedoso.

Então é **como se** o homem fosse um lobo para o homem.

Analisando a metáfora acima teríamos : homem é semelhante ao lobo, comporta-se como um lobo do homem....

- O homem é como um lobo para o homem. – comparação ou símile

- O homem é o lobo do homem – metáfora.

Metáforas convencionais e originalidade

“A metáfora vai fundo, graças à transposição, abrindo caminho para uma expressividade mais agressiva, que penetra com força na sensibilidade, impondo-lhe uma analogia criada arbitrariamente. O arbítrio do poeta depende das condições do meio (como a moda literária), da tradição histórica (que lhe oferece exemplos) e sobretudo da originalidade pessoal (que lhe permite juntar novos significados aos significados existentes). Dizer que a vida é breve como as flores é um lugar comum, de tal modo que seu efeito só pode atuar se o contexto for organizado com originalidade (...). Mas dizer “voltei-me em flor” (como faz Mário de Andrade) é único, revelador.

A Imagem (comparação) e a metáfora podem ter uma capacidade ilustrativa quando se incorporam às famílias já conhecidas. E podem ter uma capacidade reveladora, quando criam uma relação nova, que esclarece o mundo de forma diversa. [*Estudo Analítico do poema*, pág. 89].

Para se considerar a imagem [em sentido amplo, tanto a metáfora quanto a comparação] , “é preciso levar em conta seu aspecto *lógico* e seu aspecto *psicológico*” (...) Antes disso convém dar algumas ideias a respeito da posição da Retórica e da Poética tradicional em face desses assuntos, pois elas representam um poderoso esforço de sistematização lógica. No entanto, representavam também um enquadramento demasiadamente rígido, que pressupunha no uso literário da língua um excesso de racionalidade que exagerava o papel da vontade e não avaliava o caráter orgânico da criação (vendo-a como um produto mecânico) nem da obra (vendo-a como resultado de uma certa engenharia estética)”. [Antonio Candido *Estudo analítico do poema*. Trechos dos capítulos “A Retórica tradicional” e “A natureza da metáfora”].

Metáfora *in praesentia* e *in absentia*

Metáfora **in praesentia**: “Esta cantora é um rouxinol”

Versão abreviada da comparação:

“Essa cantora canta como um rouxinol”/ “Seu canto se assemelha ao de um rouxinol.”

Metáfora **in absentia**: “Esse rouxinol” para falar diretamente da cantora (cuja designação desaparece).

Metáfora

“Uma relação verbal condensada na qual uma ideia, imagem ou símbolo, mediante a presença de outras ideias, imagens ou símbolos pode ter sua vividez, complexidade e amplitude aumentadas. A natureza e a definição dos termos metafóricos e das relações entre eles foram objeto de muita especulação e de muitos desacordos (...) A relação metafórica foi descrita como comparação, contraste, analogia, similaridade, justaposição, identidade, tensão, colisão, fusão; e diferentes posições foram defendidas com respeito à natureza, à operação e à função da metáfora na poesia (...) alguns críticos apontam que a metáfora é o que distingue o modo poético de ver e exprimir-se do modo lógico e discursivo; outros, normalmente com base em evidências antropológicas, sustentam que toda linguagem é metafórica. Segundo a visão tradicional, contudo, a metáfora é uma figura de linguagem ou uma família de tropos envolvendo dois (ou ocasionalmente quatro) termos, e seria empregada com o propósito de adornar, vivificar e elucidar (...)”. [Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics. Parte inicial do verbete “Metaphor”]

Sinestesia: Figura de estilo que se vale da mistura dos sentidos (audição, olfato, visão, etc.) para traduzir em termos metafóricos o parentesco entre esferas de percepção distintas. As sinestésias se encontram tanto na linguagem corrente quanto na linguagem poética (Ex: soneto “Correspondências”, de Charles Baudelaire) [Dictionnaire de termes littéraires]

Metonímia: “Esse tropo é fundado numa relação de correspondência entre dois objetos que existem um exteriormente ao outro: essa relação é geralmente de causa a efeito, ou de efeito a causa” [Fontanier, *Les Figures du discours*]

Metonímia: “tropo que permite designar algo pelo nome de um outro elemento do mesmo conjunto, em virtude de uma relação suficientemente clara. A causa pelo efeito. Instrumento por aquele que o emprega (o segundo violino por aquele que toca o violino). O continente pelo conteúdo [tomar uma garrafa de água]. O sinal pela coisa sinalizada (a coroa pelo rei, os louros pela glória).” [Gradus. *Les procédés littéraires*]

Metonímia

“é o emprego do nome de um objeto por outro (relação de ordem). Causa pelo efeito, sinal pela coisa significada, o possuidor pela coisa possuída, continente pelo conteúdo, inventor pela invenção” [Estudo analítico do poema].

Exemplos:

Para se fazer referência à maneira como um pintor utiliza as cores, diz-se: seu pincel é suave, delicado. Emprega-se a metonímia quando se diz: sua pena é brilhante, eloquente – como modo de caracterizar o estilo de um escritor (pena: instrumento de escrita). Quando se emprega o nome de Virgílio (o poeta) para fazer referência à sua obra; Li Platão, li Aristóteles (li a obra de Aristóteles)

“Ana foi a alegria da festa” (Ana foi a causa da alegria da festa).

Sobre a diferença fundamental entre a metáfora e a metonímia.

“A liberdade e amplitude da metáfora decorrem do caráter subjetivo da relação que estabelece entre os objetos. Outros tropos, como a metonímia, se fundam em relações objetivas, determinadas pela própria natureza dos objetos. Na frase “o violino povoava a noite de doçuras” há uma metonímia e uma metáfora. A primeira consiste em tomar a causa pelo efeito (isto é, o instrumento pelo instrumento que ele produz); a segunda, em chamar o som

de *doce* em dizer que ele povoa a noite. No caso da metonímia, a relação entre a causa e o efeito é objetiva, não imaginada, pois um violino produz efetivamente som. No caso da metáfora, há uma relação totalmente arbitrária, pois não apenas o som, fenômeno auditivo, é caracterizado por um fenômeno de paladar, mas este é tratado como se fosse uma série de entidades que enchem a noite, como as pessoas podem encher o espaço. No primeiro caso a relação é objetiva, determinada pela ligação normal entre causa e efeito; mas no segundo é subjetiva, dependendo de uma distorção estabelecida por meu espírito. “Eu” transpus, “transferi” o sentido de um objeto para outro. Daí se chamar a este tropo *metáfora* = transposição.” (...)

[*Estudo analítico do poema*, pág. 88]

Sinédoque: “A sinédoque compreende dois objetos sob um único nome, ou enuncia um objeto em vez de outro que, encontrando-se em uma relação do todo à parte, ou da parte ao todo, a ele se liga por uma conexão próxima (íntima)”. Tropo que consiste na “designação de um objeto pelo nome de um outro objeto com o qual ele formaria um conjunto, um todo, físico ou metafísico, de tal modo que a existência de um se encontre compreendida (incluída) na existência do outro” [Fontanier, *Les Figures du Discours*]

Exemplos:

Nos seres animados: o coração, a alma, o espírito como maneiras de se referir ao homem. Do mesmo modo a cabeça, a mão... para se referir ao homem.

Alegoria: “Literalmente, discurso outro, ou seja, um discurso diverso do que aparece, um discurso por um outro discurso e, finalmente, um discurso por meio do qual se diz uma coisa para dar a entender outra, ou pelo qual se apresenta uma pensamento pelo véu transparente de outro pensamento, de tal modo que, ao sentido literal se vincule a expressão de um sentido espiritual ou intelectual.” [Fontanier *Les figures du discours*]

Sobre as diferenças entre Símbolo e Alegoria

“- O Símbolo conserva seu valor próprio, a sua opacidade; é intransitivo, dirige-se à percepção; a alegoria é desmontada de imediato, devido ao conhecimento prévio do que é significado; dirige-se sobretudo à intelecção

- O Símbolo representa e eventualmente designa; a alegoria designa mas não representa;

- A existência de dois momentos na percepção simbólica: um primeiro momento em que o objeto é dado e, se esse objeto significa mais qualquer coisa, isso só acontece em último caso, ou seja, num outro momento; sendo assim, o objeto simbólico é e, ao mesmo tempo, não é idêntico a si próprio; embora tendo uma significação, ele é intransitivo; estamos longe da significação única que o alegorista atribui ao objeto

- Na alegoria, a significação é obrigatória (direta) e a imagem presente na obra, transitiva, enquanto no símbolo, a imagem presente na obra não indica logo de imediato, e só por si, que possui um outro sentido, só o fazendo mais tarde (...) somos assim levados a realizar o necessário trabalho de re-interpretação, o qual implica obviamente uma intervenção mais significativa do receptor.”

[*Questões de poética Simbolista. Do Romantismo à Modernidade*]

Indicação de leitura para distinção entre Símbolo e Alegoria: capítulo de *Estudo Analítico do poema* intitulado “O destino das palavras no poema”.

Imagem

(em um sentido mais amplo)

A imagem é uma criação pura do espírito. Ela não pode nascer de uma comparação, mas da aproximação de duas realidades mais ou menos distantes. Quanto mais as relações entre as duas realidades aproximadas forem distantes e justas, mais forte será a imagem e mais ela terá potência afetiva e realidade poética. [Pierre Reverdy, Apud Caminade. *Image et métaphore*]

Algumas figuras construídas a partir de relações de oposição ou contrariedade.

Antítese: “Figura de construção (...) baseada em uma oposição sintática e semântica entre duas entidades colocadas no interior de uma repetição: “Feliz, tenho vinte e cinco anos; triste, tenho cinquenta” (Victor Hugo). Quando o elo é muito estreito e o contraste, extremo, a antítese conduz ao oximoro, fusão de antônimos em uma mesma fórmula.” [*Dictionnaire des termes littéraires*]

Exemplos de antíteses: Amor e Ódio, Sol e Chuva, Paraíso e Inferno, Deus e Diabo.

Oximoro

Figura de linguagem que associa dois termos cujas significações são incompatíveis. (contradição nos termos). Oximoro é uma intensificação da antítese.

É uma figura em que os termos opostos são aproximados em uma única expressão

“Obscura claridade que cai das estrelas”

(*Cette obscure clarté qui tombe des étoiles*) (Corneille)

“Claro enigma” (Carlos Drummond de Andrade)

“Sol negro da melancolia” (Gérard de Nerval)

“Triste sorriso de mártir” (Manuel Bandeira)

Outros exemplos de oximoros

inocente culpa, lúcida loucura, silêncio eloquente, ilustre desconhecido, silenciosa melodia

Paradoxo

“Termo de origem grega (aquilo que contraria a opinião comum, a *doxa*) pelo qual se designa uma figura lógica que consiste na oposição e harmonização de conceitos aparentemente contraditórios. Por meio dela, aquilo que, à primeira vista parecia uma mensagem absurda termina por se revelar uma ideia razoável ou uma verdade mais profunda. É um recurso frequentemente empregado na literatura mística e no Barroco” [*Breve dictionario de términos literarios*, verbete “Paradoja”]

Exemplos:

“O menino é o pai do homem”.

“O que há de mais profundo em um homem é a sua pele” (Paul Valéry).

O soneto no. 5 de Camões traz uma série de paradoxos.

Luís de Camões Soneto no. 5

Amor é fogo que arde sem se ver

é ferida que dói, e não se sente;

é um contentamento descontente

é dor que desatina sem doer.”

(...)

Ironia.

“Figura de pensamento que consiste em dizer o contrário do que se pretende dizer, com o objetivo de zombar, e não com o de enganar (...). Os efeitos da ironia dependem sempre de indícios reveladores do propósito da ironia. Quanto ao verdadeiro sentido da mensagem, ele é apreensível pelo contexto e pela situação de elocução. A auto-ironia permite ao autor tomar-se como alvo.” [*Dictionnaire des termes littéraires*]

Antífrase: dizer algo sugerindo que se pensa o contrário (apenas o contexto permitiria compreender). Seria uma das figuras da ironia.

Duas figuras de atenuação:

Litotes: (...) em vez de afirmar positivamente alguma coisa, nega-se absolutamente a coisa contrária, ou faz-se com que ela seja diminuída, com o objetivo de dar mais energia e peso à afirmação positiva que ela encobre. É, como afirma Laharpe, a arte de parecer enfraquecer, pela expressão, um pensamento que se quer que permaneça com toda a sua força. Diz-se menos do que se pensa; mas sabe-se bem que as palavras não serão tomadas ao pé da letra. Ex: Ele não é pouco insolente (Ele tem uma grande insolência); Ele não tem uma ideia ruim de si mesmo (Ele tem de si mesmo uma excelente ideia); Você é bem pouco paciente (Você é impaciente). (Pierre Fontanier. *Les figures de discours*)

Eufemismo: Figura de pensamento que consiste em atenuar a expressão de uma ideia que se julga assustadora, rude ou amarga. [*Dictionnaire des termes littéraires*]

Fontes bibliográficas:

Aristóteles. *Poética*. Fundação Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. Trad. e notas de Ana Maria Valente.

Caminade, Pierre. *Image et métaphore. Un problème de poétique contemporaine*. Paris: Bordas, 1969.

Caldéron, Demétrio Estébanez. *Breve diccionario de términos literarios*. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

Candido, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 1996.

Coelho, Paula Mendes. *Questões de poética Simbolista. Do Romantismo à Modernidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2006.

Dictionnaire des termes littéraires. Hendik van Gorp, Dirk Delabastita, Lieven D’Hulst, Rita Ghesquiere, Rainier Grutman e George Legros. Paris: Honoré Champion, 2005.

Fontanier, Pierre. *Les Figures du discours* (1830). Paris: Flammarion, 2002. (Manual de Retórica Clássica)

Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics. Ed. Alex Preminger. Princeton: Princeton University Press, 1974.

Kayser, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra: Arménio Amado, 1976.